



BUNDELKAND,

O Bundelkand, antigamente uma das províncias do Allahabad independente, estende-se desde o Agrah até Malwa. A maior parte d'este territorio, invadido pelos inglezes, acha-se hoje comprehendido na presidencia de Calcuttá. Banda, capital do paiz, está situada na margem do Kiane. Uma das suas fortalezas, a de Adji-Gur, é notavel pela sua posição. Construida sobre uma rocha escarpada, de perto de trezentos metros de altura, seguem os seus muros os contornos irregulares do pincaro mais elevado. Antes da invasão ingleza, tinha sido sufficiente sempre para defendel-a um limitado numero de homens.

A paizagem de Bundelkand é de immensa belleza: a vegetação, rica e vigorosa, está em admiravel harmonia com os restos dos templos e sepulchros, testemunhas ainda do gosto e magnificencia da antiga India. Frequentemente o viajante, depois de ter atravessado sombrios desfiladeiros, e quebradas profundas entre montanhas, dominadas por grandes ruinas, chega de improviso a uma vasta planura, onde bellissimas superficies de aguas tranquillias e puras reflectem todos os esplendores do ceo. Mais longe atravessa

immensos bosques cujo silencio é unicamente interrompido, de tempos a tempos, pelos espantosos rugidos dos tygres, uivos dos lobos, ou silvos das serpentes.

Uma viagem nocturna por aquelles paizes offerece a cada passo contrastes que produzem na alma impressões de indelevel encanto. O sol, mudando o aspecto da natureza, costuma tambem embellezal-a, mas ao mesmo tempo allumia as tristes scenas de decaida civilisação. Parece que tudo devia convidar á tranquillidade e á ventura em um solo fertil, que occulta em seu seio minas de diamantes, rivaes das de Golconda. Mas um só facto indica ao observador estrangeiro que não sabe o homem aproveitar-se das liberalidades da Providencia Divina. Os habitantes andam continuamente armados: o lavrador conduz o arado sem abandonar a espada, a lança, ou a espingarda. A ignorancia, a miseria, a escravidão, e as dissensões intestinas exercem os seus estragos ha muitos seculos n'aquelle bello paiz. A anarchia converteu em logar de soffrimentos esta mansão de delicias.

## MODAS — TRAJES NACIONAES.

Em um jornal inglez deparamos com a noticia de estar em projecto na Alemanha uma associação de senhoras da alta jerarchia, que pretendem banir do uso os veludos, as sedas, e as rendas adoptando um traje nacional, e sobretudo proscrivendo as saias chamadas de balão, que actualmente tocam a meta do ridiculo! A imperatriz dos francezes, segundo as folhas que se publicam em Paris, não ha muito que tentou abolir esta tão extravagante moda, apresentando-se em um baile sem este traje de basilica, o que deu lugar a ser felicitada pelo imperador, que a complimentara jubiloso, por ver que ella havia abandonado o donaire de boneca para voltar ao antigo traje de senhora. Mas apesar dos esforços da imperatriz, e da approvação do imperador, a caprichosa moda voltou aos arcos de pipa, ás barbas de baleia, ás molas de aço, ás *crinolines*, e a toda essa farragem de fatos insuflados, que no nosso paiz tem chegado ao extremo da exaggeração!

A associação tem resolvido excluir dos seus quartos de vestir e tocar, conforme dissemos, os veludos, sedas e rendas de fabrico estrangeiro: as pessoas sensiveis favorecem tão bellos projectos, que sem duvida segundo antevemos não passarão de projectos, pois é facto indisputavel, que todos gritam contra o luxo, porém o luxo cada vez augmenta mais!

Seria de bastante interesse que senhoras de alta jerarchia, se tornassem legisladoras do imperio voluvel da moda! Isto seria novo! As senhoras reformando os seus toucadores, e cortando pelos seus gostos, caprichos, phantasias, e talvez pelos seus interesses, dariam mostras de uma rara abnegação! Acreditem essas senhoras que tal projecto conceberam, que isso lhes dá mais gloria do que para si ganharam as Zenobias, as Semiramis, e ainda a moderna madame de Stael com os seus romances metaphysicos. Nós, em nome do nosso sexo, podemos assegurar-lhes, que se ellas regulassem para elle o uniforme varonil, deviam contar com o seguirem á risca todos os homens, não só por obediencia, mas até por gosto e devoção. Quem não trajaria a bel prazer do sexo formoso e delicado? Pensamos que não haveria homem tão rude que a isto se negasse, quando nos lembra ter lido que existiu uma rainha, que alcançou do divino Hercules, que este para si tomasse as tarefas feminis, não seria pois muito o conseguir dos homens o trajar, como varões, segundo o gosto, e os preceitos do sexo feminino. Porém não é esse o argumento; as senhoras fazem uma pragmatica para as senhoras; e por isso é de crer que por ellas seja tão mal obedecida, como o foi dos portuguezes a que fez para elles el-rei D. João v.

Como poderão as senhoras (que naturalmente amam e se comprazem na variedade) soffrer a perpetua monotonia de um traje uniforme? Como renunciar aos caprichos encantadores do lu-

xo, que as recommenda como abastadas para os satisfazer? Como sacrificar os mais caros interesses do seu coração? Como abandonar as *crinolines* que fazem as delicias da sua alma, e que levam até as mais provecas a apresentar a rotundidade de um tonel ambulante, do qual sae um chapeo de *varina*, com abas largas e descaidas!

Todos conhecem quanto seja commodo, facil e economico o arranjar-se uma senhora com um vestido, decente e simples, pois ha tanta abundancia, e variedade de generos baratos que n'esse mister se podem empregar; pelo contrario se a senhora dá a phantasia de trajar ricamente, não podem chegar as minas do Potosi, nem todo o oiro da California para satisfazer o seu luxo desregrado; um vestido de preço, uma manta, uma touca de baile, que algumas senhoras usam para sair a publico só por um dia, exigem despesas que poderiam matar a fome a muitas familias desgraçadas por todo o anno. D'aqui toma origem a pobreza da nação, que vê passar ás mãos d'estrangeiros todas as suas riquezas, em preço de luzentes bagatelas, que recebe d'elles; ao passo que a miseria dos nossos artistas e fabricantes cresce de dia para dia por não terem em que se empreguem, e a moral publica soffre pelo augmento dos crimes, dos roubos, dos perjurios, dos adulterios, das prostituições, e não poucas vezes dos assassinios!

Tudo isto por desgraça se dá em o nosso Portugal, aonde, ao lado da miseria publica, se vê brilhar escandaloso o mais desenfreado luxo. E certo que esta gangrena que lavra no corpo social, só poderia estancar-se com remedios que cortassem o mal pela raiz, reformando os nossos costumes, fim este que não se poderia alcançar por via de pragmaticas, ou de outras quaesquer leis de policia, que são remedios inuteis, ou quando muito palliativos. Por isso, e por outras razões obvias, muito nos arreceamos que sejam infructiferos os louvaveis esforços das senhoras que compõem a associação alemã, a qual nos parece não terá muitas sectarias no nosso Portugal.

Não sairemos d'este assumpto sem dizer alguma coisa sobre os trajes nacionaes em geral, não esquecendo os da nossa patria. Um traje nacional, é sempre mais ou menos analogo aos costumes, constituição do governo, religião dominante, e ao clima das terras; e sempre indica um caracter nacional, aonde este traje se não confunde com o de outras nações: portanto, quando se vejam duas nações, que não sejam visinhas, que não tenham origem commum, e todavia usem o mesmo modo de trajar, pode dizer-se desde logo, que a servil imitadora da outra ha perdido o seu caracter, pois que affecta uma ridicula imitação.

Tanto é verdade serem os trajes nacionaes nascidos d'algumas d'aquellas causas, que nós o poderemos verificar pelos padrões dos trajes de todos os povos. Os gregos, que tinham os cos-

tumes os mais polidos de toda a antiguidade, nascidos com uma imaginação sensível, e delicada, com uma religião que lhes offerecia imagens salientes de todos os portentos da natureza; emfim habitando n'um clima temperado e doce, usaram o traje mais elegante que até aqui se tenha inventado; e ainda esse sobresaia mais ajudado pelas formas elegantes dos seus esbeltos corpos. N'esta parte, só nos ficou dos gregos a imitação das suas estatuas com seus ornatos e decorações; mas isto só (quando não fosse a sua historia) fallaria por elles a toda a posteridade. Os romanos, aproveitando-se muito da gravidade e elegancia dos gregos (que em tudo foram seus mestres) adoptaram todavia um modo seu e original, que muito respeito e acatamento concilia á gravidade republicana. Com muita discrição adoptaram as nações modernas para os seus tribunaes aquella toga veneranda que roçava pelos assentos do foro romano. Assyrios, persas, caldeus, usavam, como ainda hoje, roupas leves, largas e soltas, no que se conformavam á conveniencia do seu clima abrasador. Finalmente os chinas (nação moderna, e antiga, que não tem mudado) vestem-se, ou paramentam-se de opas de cerimonia (decentes de mais, e com excesso incommodas) como está nos seus costumes de enfadonha prolixidade, e etiqueta.

As drogas, e fazendas, hoje empregadas nos vestidos das nações modernas policiadas, differem por certo muito na qualidade (que não podia isso deixar de ser, habitando ellas em terras de tão variada temperatura); porém quanto ao talhe, feição e feitio dos trajes, ainda que estes conservem sempre alguma coisa de particular e original entre as nações que tem character, todavia não se poderiam hoje notar, comparando o trajar de todas ellas, taes são os extravagantes contrastes e differenças que n'outro tempo se notavam entre os povos do mesmo continente: é que o commercio, vinculo universal da politica social, communica a todas as nações até a uniformidade de gostos em coisas indifferentes, e a despeito das barreiras das montanhas, rios e mares, que separam os povos, as nações nas suas commodidades e habitos se tem assimilado quanto pode ser.

O trajar dos inglezes é serio e grave, sem que se lhes possa notar ridicula affectação, no que é mui conforme á gravidade dos seus costumes, e á forma de sua constituição. Elles são escrupulosos, como o devem ser, em guardar a decencia, e ordem do traje, em suas visitas de comprimento, nos bailes, nos jantares, e nos theatros. O chapeo redondo, que era tido por jacobino pelo imperador Paulo da Russia, e na Inglaterra sempre usado no trato civil diario, por isso que é mais commodo e menos despendioso; chapeo armado não se vê na rua, e só é admitido nos coretos de musicos, ou nas audiencias dos ministros de estado, ou no paço etc., conforme as etiquetas. Os capotes tão pouco se vêem,

usam-os as sentinellas de policia de noite, e os cocheiros quando chove. Fallando em geral, o trajar dos inglezes é serio, aceado, e commodo. O traje feminino, sobretudo o que usam de manhã e para passeio é grave, airoso, decente e simples, distinguindo-se pela nitidez.

O traje dos francezes é bem distincto, e muito mais mudavel, e mais sujeito ás vertigens de moda; além d'isso tem alguma coisa de mais garrido, ainda nas pessoas serias; accusa mais desleixo ou menos cuidado no povo; isto está ligado com a natural vivacidade franceza, e com os seus costumes mais folgados e menos sujeitos ao rigor da etiqueta. Quanto ás senhoras, dão a lei ao mundo no gosto, na elegancia, e nos ademanes.

Os hespanhoes são todavia o povo, que pelo seu modo de trajar, mais distincto se faz entre todas as nações da Europa; como o mais antigo que se conhece entre os povos modernos, sem quasi notavel mudança do tempo dos moiros. Se isto accusa por uma parte menos civilização, por não se lhes ter apegado alguma parte das modas, e usos mais commodos das outras nações, por outra parte mostra uma grande força de character nacional, de que os hespanhoes deram boas provas na ultima guerra de Bonaparte. Todavia, com quanto isto assim seja, não podemos deixar de reprovár o uso dos seus grandes chapéos, e dos seus capotes de panno de S. Fernando com forro ou dianteiras de veludo, em que nos ardentes campos e cidades da Andaluzia se embrulham no meio do calor do sol que os está aconselhando para os tirar dos hombros! Pelo que respeita ao sexo feminino, esse prima com a mantilha e a classica saia de setim, fazendo singular contraste com a mil vezes ridicula saia de balão!

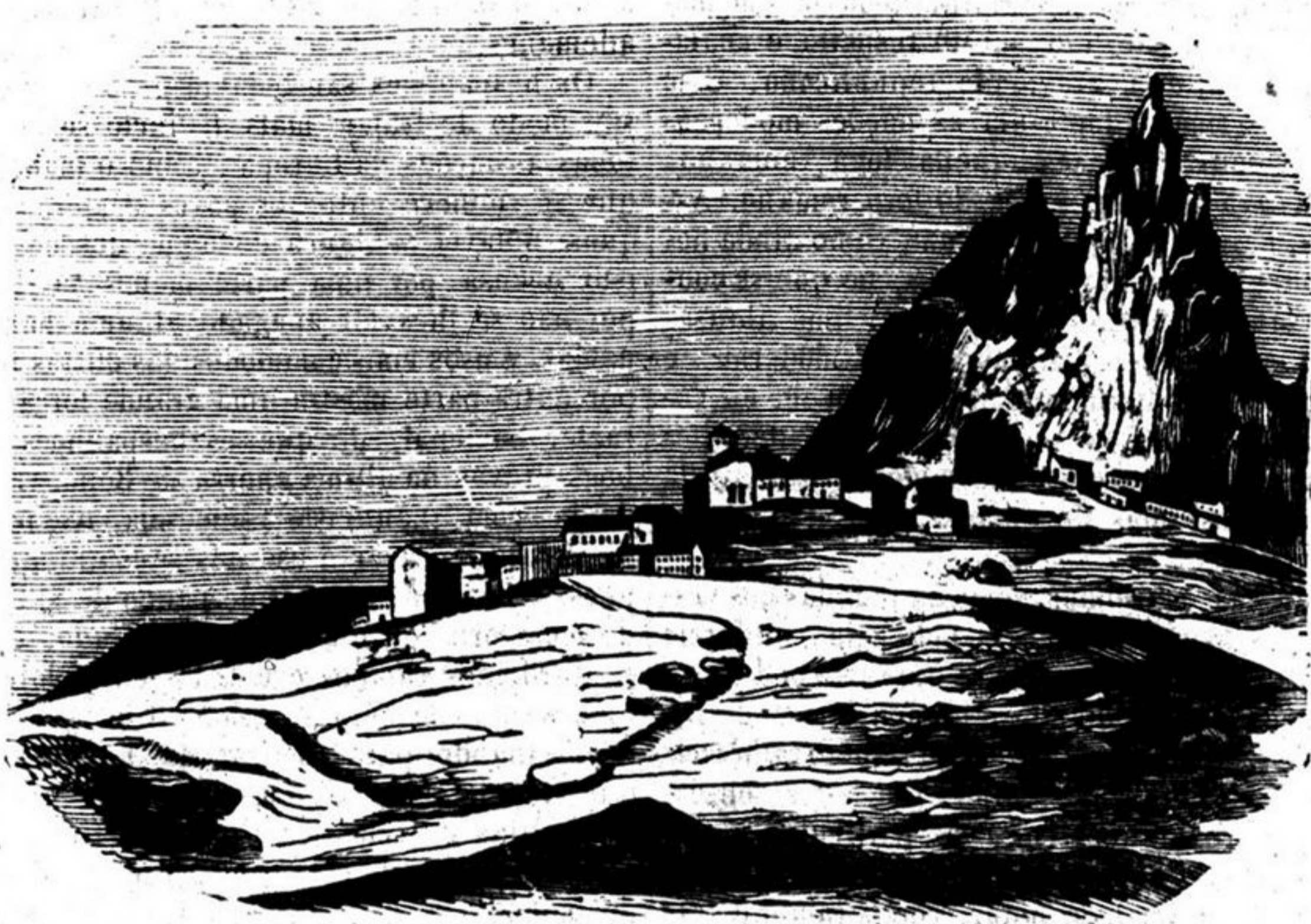
Os trajes do nosso Portugal são bem distinctos dos dos nossos visinhos hespanhoes. Parece que as duas nações não tiveram origem, religião, costumes, e pátria commum. Antigamente o nosso vestido de côrte e de cerimonia era a antiga moda hespanhola, que nós suppomos oriunda da polida côrte dos godos, tanto ella é airoza, grave, louçã, gentil e magnifica! Com ella appareciam nossos reis em todos os actos publicos da soberania; com ella os nossos governadores da India recebiam os reis e embaixadores das nações do Oriente; com ella o nosso Castro triumphou em Goa; e com ella se casou, e recebeu Maria Luiza com o imperador Napoleão, quando elle *macaqueava* Henrique IV. Consistia este traje em gorro de plumas na cabeça com um broche de diamantes, um manto, ou capa curta (pela feição do *paludamentum* dos generaes ou imperadores romanos), vestia e calção de veludo da mesma côr, e laços de fita nos sapatos. Quem d'isso quizer fazer mais clara idea, pode ver Jacinto Freire, quando descreve o triumpho com que D. João de Castro entrou em Goa. D. João V, que tinha a vaidade de imitar o rei de França, introduziu todo o ceremonial da côrte de

Luiz XIV, e de todo aboliu aquelles trajés, que nos podiam fazer recordar os dias dos nossos antigos triumphos, e a nossa gloria nacional.

Quanto ao nosso traje nacional em a vida commum, como aquelle nosso rei deu exemplo das modas francezas em a nossa côrte, o povo de Portugal seguiu com furor desatinado o exemplo do seu rei, e os modelos que lhe vinham de França; e assim vê-se hoje que os nossos paizanos das provincias trajam da mesma feição que os paizanos francezes. Trajem como quizerem; mas seria bem util, que tanto os homens

como as mulheres da classe secundaria da sociedade, largassem o uso moirisco dos capotes, que por mais de uma razão se deveria desterrar, como incommodo, e opposto ao espirito de um povo activo e industrioso.

E agora perdoem as nossas damas se porventura lhes não damos no fim d'este nosso artigo um logar separado; a razão já a ella alludimos no começo, e agora, ficando-nos pequeno espaço, esperamos nos desculparão accrescentar, que o não temos para accomodar as nossas modernas basilicas!



CELLORIGO.

A antiguidade da villa de *Cellorigo* é remottissima, e as moedas, os fragmentos de barro saguntino, e outros objectos de bronze e cobre que se costumam encontrar em suas immedições ao remover a terra para os trabalhos agricolas, attestam que pelo menos já existia no tempo dos romanos; e assim devia succeder, porque a sua posição é singular e inexpugnável, parecendo que a natureza se esmerou em apresentar um phenomeno digno do estudo e admiração de todos.

Nós julgamos que *Cellorigo* se acha em um dos pontos mais elevados de Castella, sendo certo que de qualquer das suas ruas e casas se descortina um horisonte de muitas leguas, incluindo Rioja, as montanhas de Santander, a costa de Cantabria, a afamada serra de San-Lourenço e outras da provincia de Burgos.

O aspecto da villa é mui pittoresco, e vista de longe parece suspensa das nuvens, contribuindo para aformoseal-a os eriçados penhascos

que lhe servem como d'escudo, e que ao mesmo tempo parece que vão precipitar-se ao menor impulso, e destruil-a completamente.

Como não ha caminhos, nem pode havel-os, mas só sendas e más, gastando-se muito tempo para subir ao cimo do grande penhasco, chamado *Mata-asnos*, onde se acha a povoação, os habitantes d'esta vivem quasi sem trato nem relações, gosam d'uma paz invejavel, passando desapercibidos para elles os acontecimentos que commovem a Europa e ainda o mundo inteiro, e julgam-se felicissimos no anno em que suas terras lhes fornecem o trigo sufficiente para se alimentarem até a outra colheita.

O famoso castello de *Cellorigo* abateu por duas vezes, em fins do seculo IX, o orgulho e immenso poder dos reis de Cordova quando aspiravam a conquista da Europa. Ouçamos o monge Albelda na era 920, anno 882, reinando D. Afonso III:

«Almundar, enviado por seu pae Mahomat,

rei de Cordova, com oitenta mil homens, commandados por Abualit, depois de haver combatido as fortalezas de Saragoça e Tudela, sem rendel-as, possuidas pelos Zimaeles, filhos de Muza, inimigos do rei de Cordova, talando o exercito cordovez todo o paiz, chegou, reforçado com Ababdella, anteriormente nosso amigo, aos confins do nosso reino das Asturias; primeiramente accommetteu o castello de Cellorigo, defendido por Vela Gimenez, conde de Alava; mas foi rechaçado com perda de muita gente: d'ali passou com o seu exercito ao extremo de Castella a combater o castello de Pontecurbo, hoje Pancorbo, que atacou por tres dias; mas só conseguiu perder muita gente ao fio das espadas vingadoras dos sitiados: era conde de Castella Diogo, filho de Rodrigo. Na era seguinte de 921, anno de 833, fez a mesma expedição; correu desde Saragoça talando os campos, e saqueando quanto encontrava, mas sem poder render castello algum: voltou a combater o castello de Cellorigo, defendido pelo conde de Alava, Vela, vendo-se obrigado a renunciar á sua empresa com muita perda, succedendo-lhe o mesmo com o castello de Pontecurbo, defendido pelo seu conde Diogo.»

Do referido castello de Cellorigo, que estava situado sobre uma das pontas dos penhascos escarpadissimos que se vêem á direita da gravura que apresentamos aos nossos leitores, apenas existem os vestigios.

Á maneira que o castello de Pancorbo defendia a entrada pela foz do seu nome, o de Cellorigo, distante duas leguas, verificava o mesmo com respeito á garganta de Foncea e á foz de Morquera, ficando assim preservados os paizes de Alava e Castella, que depois se chamou Velha, das correrias e devastações que faziam frequentemente os exercitos nas terras de seus contrarios; e assim se vê, pela relação de Albel-da, que Pancorbo era o extremo de Castella, e Cellorigo o dos condes de Alava, cuja villa ha bastantes annos é considerada Castella.

Posteriormente a tamanhos acontecimentos temos noticias da villa. No voto do conde Fernan Gonzalez, no foral de Miranda do Ebro dos fins do seculo XI, e no de Cerezo do seculo XII, falla-se em Cellorigo.

Tambem se menciona a sobredita villa na petição que os embaixadores do rei de Navarra D. Sancho VII, chamado o Sabio, apresentaram ao rei d'Inglaterra Henrique II contra o de Castella D. Affonso VIII, na quaresma do anno 1177, em compromisso feito em Agosto de 1176; advertindo que o citado rei de Navarra pretendia que o de Castella lhe entregasse Nágera, Grañon, Pancorbo, Belforado, Cerezo, Cellorigo, e mais algumas povoações.

Cellorigo é hoje uma pequena villa que se compõe de sessenta casas medianas, distribuidas em varias ruas, e uma pequena praça, e pertence á provincia de Logronho e ao districto judicial de Haro; dista dez leguas do primeiro

ponto, tres do segundo, e duas pequenas de Miranda do Ebro. Tem uma antiquissima igreja; mas de nenhum merito artistico, e menos ainda desde que com um malfadado reboque de cal que lhe deram interiormente, desapareceram algumas pinturas, adornos e inscripções.

A situação elevada d'esta villa faz com que se denomine vulgarmente, mas com immensa propriedade, o *Pulpito da Rioja*.

## CONFIDENCIAS.

(Fragmento.)

JULIO — AUGUSTO.

JULIO.

Diz, Augusto, que juizo  
Formas tu do sentimento  
A que chama paraizo,  
Ora um inferno lhe chama  
A exaltação do talento?

AUGUSTO.

Não sei bem de que me fallas.

JULIO.

Fallo... fallo-te do amor.

AUGUSTO.

Ah! do amor?...

JULIO.

Achas que inflamma

Que tem tamanho calor  
Essa luz do coração,  
Como dizem por ahi  
Os sectarios da poesia?

AUGUSTO.

Julio, tenho dó de ti.

JULIO.

Mas porque? Diz a razão,  
Não te percebo a ironia.

AUGUSTO.

Ironia não é tal.  
Tenho dó, repito-o agora,  
Indagas, pois te devora  
Um amor talvez fatal.

JULIO.

A mim!...

AUGUSTO.

Não queiras negal-o,  
Deste-o logo a conhecer  
Na pergunta que fizeste...  
Sentes n'alma um fogo a arder,  
E, como nunca o tiveste,  
Como não sabes o que é,  
Vens em segredo espreital-o  
Na experiencia do amigo.  
É provar que em mim tens fé.  
Desabafa pois comigo.

JULIO.

Tu promettes não ralhar?

AUGUSTO.

Ralhar! . . . Eu! . . . Com que direito?  
Por ventura és tu meu filho?  
Tens-me acaso por tutor?

JULIO.

Tenho-te o mesmo respeito,

AUGUSTO.

Pois então socega . . . e vamos . . .  
Prometto ser indulgente.  
Anda pupillo innocente . . .  
Anda, filho, principia.

JULIO.

Já tu comesas brincando . . .  
Nunca te vi serio um dia . . .  
Sempre a rir, sempre zombando . . .

AUGUSTO.

Nem sempre zombo, meu Julio.  
Muitas vezes, olha . . . — Adiante!  
Conta o que ias a dizer,  
E se de amigo constante  
Os conselhos queres ter,  
Que os posso dar tu verás.

JULIO.

Meu Augusto, jurarás  
Que a historia que vou contar-te  
A ninguem revelarás.  
Promettes?

AUGUSTO.

Se tu tens medo  
É melhor ficar calado;  
Mas se me queres fazer  
Alguma revelação  
Desde agora te asseguro  
Toda a minha discrição.

JULIO.

Obrigado. — Vaes tu ver  
O que a mim me succedeu.  
Era n'um baile uma vez . . .

AUGUSTO.

Era uma vez! . . . Dá seus ares  
D'uma historia d'aia velha . . .

JULIO.

Diz . . . quem foi que interrompeu? . . .  
Depois se tu te enfadares . . .

AUGUSTO.

Adiante! . . .

JULIO.

Hade haver um mez . . .  
N'um baile, como dizia,  
Vi um rosto de mulher! . . .

AUGUSTO.

Era um anjo disfarçado  
Que andava em tua procura?!

JULIO.

Na celeste formosura  
A candidez transluzia! . . .

AUGUSTO.

Custa pouco a perceber,  
Ficaste ali namorado?

JULIO.

É verdade. Nunca vira  
Tamanho e tal attractivo!

Quem ao vê-la não sentira  
Dentro d'alma . . .

AUGUSTO.

Um fogo vivo.

É já costume, bem sei. —  
Não na foste convidar  
Para uma polka, sequer?

JULIO.

Pois não fui! Logo que pude  
Fui tiral-a para par.

AUGUSTO.

Conversaste?

JULIO.

Conversei.

Ai! que magia de falla! . . .  
Que intelligencia elevada!  
E que perfume que exhala! . . .

AUGUSTO.

Diz-me lá . . . é flor ou fada?

JULIO.

É anjo, é fada, é . . . é tudo.

AUGUSTO.

Homem, tudo?! . . .

JULIO.

Quanto ha bello.

AUGUSTO.

E fallaste-lhe de amores?

JULIO.

Tanto estava allucinado  
Que affrontando os seus rigores.  
Tive a audacia . . . de pintar-lhe  
Da minh'alma o ancioso estado.

AUGUSTO.

Em resposta o que te disse?

JULIO.

Que havia sempre do amor  
Feito idéa tão grandiosa  
Que lhe custava a suppor  
Fosse coisa d'este mundo.

AUGUSTO.

Tu então que respondeste?

JULIO.

Fui, pouco a pouco, buscando  
Convencer a minha rosa . . .

AUGUSTO.

Foi o nome que lhe deste?

JULIO.

É o nome que ella tem. —  
Busquei então convencer-a  
De que a paixão fóra a herança,  
Que Deus ao mundo legara  
Que desde então era ella  
Flor do mundo . . .

AUGUSTO.

Muito rara,

Eu dissera em seu logar.

JULIO.

Foi o mesmo que me disse . . .  
Mas deixando perceber  
Que não se tinha offendido  
Com a minha confissão.

AUGUSTO.

Mas emfim... vamos a ver...  
Que disse ella? Sim ou não?

JULIO.

Não ficou bem decidido.

AUGUSTO.

Não ficou?

JULIO.

Não... e o motivo

Foi que a manhã traiçoeira

Fez o baile terminar...

Mas olhou-me de maneira,

Com tal saudade e pesar

Que inda mais me fez captivo.

E quando eu lhe perguntei

Se podia ter esperança...

AUGUSTO.

Respondeu-te?

JULIO.

N'um proverbio encantador:

« Quem espera »...

AUGUSTO.

« Desespera!... »

E rifão consolador.

JULIO.

Disse sorrindo, em vez d'isso:

« Quem espera sempre alcança! »

Mas com que graça e feitiço!

AUGUSTO.

E depois?

JULIO.

Depois... mais nada.

AUGUSTO.

Como assim!... Pois o romance

Não tem continuar-se-ha?

Já tens a historia acabada?

JULIO.

Acabada não... Não está.

AUGUSTO.

Então venha o seguimento

Que já me sinto curioso.

JULIO.

Dias depois encontrei-a...

AUGUSTO.

E fallaste-lhe?

JULIO.

Não pude...

Porque tive acanhamento.

AUGUSTO.

Creança!...

JULIO.

Fui cauteloso...

E quero crer que fiz bem.

AUGUSTO.

Mas o que foi que fizeste?

JULIO.

Assim como quem passeia

Fui seguindo-a...

AUGUSTO.

Para ver

Onde morava? — Isso tem

O seu tanto de rasoavel. —

E da morada soubeste?

JULIO.

Fui mais feliz do que julgas.

AUGUSTO.

Que me dizes?

JULIO.

A verdade.

Vê tu que alegria immensa,

E que alvoroço eu não tive

Quando a vi entrar em casa

De minha prima Piedade...

Tu conhecel-a?

AUGUSTO.

Conheço.

É senhora muito amavel,

E galante por signal.

JULIO.

Pois são ambas muito amigas.

AUGUSTO.

O negocio não vae mal.

JULIO.

Para encurtarmos razões...

AUGUSTO.

Fazes bem que as aborreço...

JULIO.

Começou a convivencia

E seguiu-se a intimidade.

AUGUSTO.

Então podeste á vontade,

Sem ser inconveniencia,

Indagar da tua sorte?...

JULIO.

Já se vê! Tanto insisti

Té que uma noite por fim...

D'aquelles labios ouvi

Um gracioso e terno sim.

Imagina o meu transporte...

Fiquei louco de contente!

AUGUSTO.

Isso por força.

JULIO.

Já vês

Que a datar d'aquelle instante...

AUGUSTO.

Lhe pozeste logo aos pés

Um coração delirante,

Fizeste trinta mil juras,

Disseste... o que toda a gente

Costuma em taes conjunturas...

Algumas vezes verdade,

As mais das vezes mentira.

JULIO.

Oh! este amor que ella inspira

Vêl-o extincto ninguem hade

Porque é toda a minha vida!

Se me enganasse... eu morria!

Continua. MENDES LEAL (ANTONIO).

O amor mais violento raras vezes resiste a uma prolongada separação.

Os applausos, e encomios do mundo, muitas vezes respondem ás exprobrações da consciencia.

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

580. Fredegunda tinha jurado a perda dos filhos do primeiro matrimonio de Chilperico. Fez assassinar Meroveo, que ainda lhe fazia sombra. O que restava, Clovis, teve a mesma sorte. Finalmente, não achando outra victima a immolar além de seu esposo, a quem a sua fidelidade se tornara justamente suspeita, fel-o apunhalar em 584 por Landri, a quem ella amava. Tal foi o fim do Nero da França. Era tão avaro, que muitos dos vassallos, opprimidos com impostos, abandonaram os seus dominios. A sua tragica morte fez chorar d'alegria; e o seu corpo, abandonado de todos, ficaria no logar em que foi traspassado. se Malus, bispo de Senlis, não tivesse o cuidado de o transportar a Paris, onde foi enterrado na igreja de S. Germain-des-Près.

585 Chilperico deixou só um filho de quatro mezes, que lhe succedeu com o nome de Clotario II. Fredegunda, mãe do joven rei, soube ganhar a amizade de Gontran, que a declarou tutora e regente dos estados de seu filho. Debalde alguns nobres, inimigos d'esta princeza, quizeram dar a corôa a *Gondebaud*, que julgavam filho de Clotario I. Este aventureiro foi atraçoado e morto pelos mesmos que o tinham aclamado, e este serviço foi ainda um beneficio de Gontran.

593. O reinado d'este foi longo e inglorio. Morreu em Chalons-sur-Saône, com mais de sessenta annos. A sua devoção, e principalmente os bens com que dotou os frades, foram a causa d'elle ser contado no numero dos santos; mas nunca será collocado no numero dos reis medievos. Childeberto, que elle tinha adoptado, herdou os seus estados, reunindo assim o reino da Austrasia ao de Borgonha.

594. A morte de Gontran foi para Fredegunda e Childeberto um signal de rompimento. O monarcha austrasiano quiz aniquilar Clotario. O valor da regente augmentou com o perigo: juntou tropas, poz-se á sua frente, acompanhada do filho, enganou o inimigo por um stratagem, alcançou victoria, e, deixando por toda a parte os vestigios do seu furor, voltou a Soissons carregada de despojos.

596. O monarcha, vencido por uma mulher, vingou-se da derrota, exterminando os varnes, povos da Germania, que Fredegunda tinha excitado contra elle. Foi esta a ultima proesa do seu reinado: morreu alguns mezes depois, deixando os reinos a seus dois filhos, sob a regencia de Brunehaut, sua avó. *Theodeberto II*, o mais velho, foi coroado rei d'Austrasia; *Thieri II* teve em partilha o reino de Borgonha.

597. A guerra ateon-se de novo entre as duas côrtes d'Austrasia e Soissons. Fredegunda, a frente das suas tropas, apoderou-se de Paris e de muitas outras praças. Brunehaut quiz atalhar

similhanes conquistas; mas a sua rival, mais feliz ou mais habil, derrotou-lhe os exercitos, e fez por toda a parte triumphar as bandeiras de Clotario. Fredegunda, no mais alto grau de prosperidade, via crescer a sua gloria com o poder do filho: chegava-se quasi a esquecer que esta mulher ambiciosa, vingativa, e cruel, tudo havia sacrificado á sua grandeza e segurança. Foi este momento de triumpho que o ceo escolheu para leval-a d'este mundo, terminando a sua carreira: foi enterrada junto de Chilperico, na igreja de S. Germain-des-Près, onde se vê ainda o seu tumulo.

613. Á morte de Fredegunda seguiram-se algumas batalhas, em que Clotario não foi feliz. De tempos a tempos havia paz; mas foi absolutamente banida pelas dissensões que tiveram, entre si, os netos de Brunehaut. *Theodeberto* desterrou esta princeza, que se refugiou nos estados de *Thieri*, e induziu este á vingança. Os dois irmãos combateram muitas vezes: *Theodeberto*, vencido, foi morto. *Thieri*, ensoberbecido por este successo, voltou as armas contra Clotario; mas morreu em Metz d'uma disenteria. Clotario, então, tornou-se usurpador e feroz: mandou matar dois filhos de *Thieri*, e fez rapar o terceiro; escapando o quarto, que não tornou a apparecer. O tragico fim de Brunehaut poz termo a estas atrocidades: depois de a ter carregado de injurias, Clotario a abandonou aos insultos da soldadesca, á crueldade dos carrascos, e, por ultimo supplicio, fel-a arrastar pelas silvas e seixos por um cavallo bravo.

628. Clotario II, unico senhor da monarchia franceza, apagou, com rasgos de moderação e de justiça, as barbaridades de que era culpado. Dissipou as conjurações; convocou numerosas assembleas dos seus estados; submetteu os gascões e os saxonios, e morreu chorado dos povos, depois de ter associado *Dagoberto*, seu filho mais velho, á corôa. Feliz este principe, se não tivesse enfraquecido a sua autoridade em favor dos grandes! A dos *maires* de palacio começou, principalmente no seu reinado, a contrabalançar o poder real. Depressa veremos eclipsal-o inteiramente, e firmar-se emfim sobre as suas ruinas.

629. *Dagoberto I* tinha um irmão chamado *Ariberto* ou *Chariberto*, a quem deu em soberania uma parte da Aquitania, que se conservou na casa d'este principe com o titulo de ducado hereditario, até Luiz d'Armagnac, duque de Nemours, morto na batalha de Cerignoles em 1503, e que foi o ultimo d'esta illustre familia.

Se *Dagoberto* se não tivesse deixado corromper pelas paixões, e continuasse como começara, teria sido um modelo na arte de reinar. Fez ao principio florecer as leis e a boa ordem; mas logo o amor o precipitou nos mais horribes excessos. Tres mulheres simultaneamente gosando do titulo de rainhas, e uma multidão de concubinas absorviam-lhe as rendas. Avexou os povos, e perdeu a sua estima. (Continua.)